

P. JOÃO BATISTA SELVAGGI, S. J.

O CONDE DE CARPEGNA, FUNDADOR
DO ESCOTISMO CATÓLICO

SEPARATA DA REVISTA VERBUM
TOMO XIV — FASC. 1 — MARÇO DE 1957



UNIVERSIDADE CATÓLICA

Rio de Janeiro

1957



P. JOÃO BATISTA SELVAGGI, S. J.

MOACYR M. REBELLO FILHO

O CONDE DE CARPEGNA, FUNDADOR
DO ESCOTISMO CATÓLICO

SEPARATA DA REVISTA VERBUM
TOMO XIV — FASC. 1 — MARÇO DE 1957



UNIVERSIDADE CATÓLICA

Rio de Janeiro

1 9 5 7



O CONDE DE CARPEGNA, FUNDADOR DO ESCOTISMO CATÓLICO

P. JOÃO BATISTA SELVAGGI, S. J.

Com imenso entusiasmo os escoteiros de todo o mundo celebram neste ano de 1957 o centenário do nascimento do Fundador e Chefe Mundial do Escotismo, o primeiro Lord BADEN-POWELL OF GILWELL. E com plena razão, pois cremos que na história da humanidade poucos homens terão como êle influído na educação da juventude, iniciado um movimento educacional tão perfeito e de tanta projeção.

Como adesão a estas celebrações — promovidas no Brasil pela União dos Escoteiros do Brasil e pela Federação das Bandeirantes — e como contribuição para o melhor conhecimento do Escotismo, especialmente nos ambientes católicos, queremos comemorar outro grande Chefe Escoteiro, a quem BADEN-POWELL dedicou a mais profunda simpatia e sincero aprêço, e cujo centenário acaba de transcorrer — embora quase despercebido¹ — o Conde MARIO GABRIELLI DI CARPEGNA, nascido em Roma a 19 de agosto de 1856.

Não duvidamos em afirmar que se deve principalmente a êle se o mundo católico aceitou o Escotismo e o realizou tão admiravelmente, que arrancou ao mesmo BADEN-POWELL aquela célebre afirmação perante o Card. VILLENEUVE, Arcebispo de Quebec e Chefe Escoteiro Nacional do Canadá: "Sòmente

¹ Entre as mais notáveis comemorações estão dois longos e pormenorizados artigos publicados por "*L'Osservatore Romano*", nos dias 24 e 26 de agosto do ano passado, que gentilmente nos foram enviados por uma sobrinha do grande Chefe, a Condessa LAURA DI CARPEGNA, a quem penhorados agradecemos.

a Igreja Católica realizou o Escotismo como eu o tinha sonhado.”

Por isso consideramos o Conde MARIO DI CARPEGNA, não apenas como o fundador da ASCI (Associazione Scoutistica Cattolica Italiana) e seu primeiro Chefe Nacional, mas como o verdadeiro Fundador do Escotismo Católico mundial.

Bem sabemos que não foi êle o primeiro católico a aceitar o Escotismo. Já no primeiro acampamento experimental da Ilha de Brownsea, em 1907, alguns dos 16 meninos, que BADEN-POWELL levou consigo, eram católicos. E ao fundar-se em 1908 a Boy Scouts Association, em Londres, faziam parte do Supremo Conselho o Arcebispo de Westminster FRANCIS BOURNE, posteriormente Cardeal, e o Duque de NORFOLK. Cresceu depois rapidamente na Inglaterra o número das tropas católicas, enquanto as igrejas protestantes mostraram pouca simpatia pelo movimento e disso BADEN-POWELL se queixou expressamente.

Fora da Inglaterra, além de algumas tímidas tentativas nos ambientes católicos, a Bélgica tinha fundado uma federação católica, com a aprovação do Cardeal Secretário de Estado em nome do Santo Padre, S. PIO X.²

Mesmo na Itália já haviam surgido as primeiras tropas escoteiras católicas. Iniciara-as em Gênova, em fins de 1910, o Prof. MÁRIO MAZZA, seguidas brevemente por outras em várias partes da península, e escolhendo então como símbolo a belíssima estilização da flor-de-lis florentina, ainda hoje usada pela ASCI.³

Mas tudo isso pareciam e eram realmente meros casos excepcionais. O ambiente católico geral permanecia declaradamente hostil ao movimento dos “boy-scouts”: bastaria citar o exemplo da França, onde o Cardeal AMETTE, Arcebispo de Paris, o Arcebispo de Rouen e muitos outros bispos tinham terminantemente proibido aos católicos aderirem às novas organizações.⁴ O mesmo acontecia, mais ou menos, nos outros países católicos.

² “*La Civiltà Cattolica*”, 1913, vol. 3, p. 577.

³ Tiveram essas tropas uma vida cheia de dificuldades até serem em 1916 incorporadas na ASCI, como suas primeiras unidades. Cf. “*L’Esploratore — ASCI*”. Ano I, Suplemento ao n.º 5, julho de 1945, págs. 3-4.

⁴ *La Civ. Catt. Ib.*

A Santa Sé não se tinha pronunciado oficialmente; mas, apesar da aprovação dada aos “Belgian Catholic Scouts”, consta-nos que se mostrava receosa perante o novo movimento. Um reflexo de sua atitude poderemos encontrá-lo em “La Civiltà Cattolica”, sempre fidelíssima em seguir e interpretar o pensamento da Sé Apostólica. Esta revista publicou naqueles tempos dois longos artigos, examinando detidamente o assunto: o primeiro, do P. ANTÔNIO LEANZA, S.J., em 1913,⁵ e o segundo do P. MARIO BARBERA, S.J., em 1915.⁶

O P. LEANZA, que anos mais tarde, como reitor do Colégio S. Luís de Malta, haveria de fundar uma tropa escoteira, “con i più lieti frutti di solida educazione”,⁷ naquele artigo de 1913, embora sem esconder sua simpatia por certos aspetos do movimento, mostra-se gravemente preocupado com os lados que lhe parecem negativos; acha que a mesma lei escoteira “não manifesta uma mente profunda e bem ordenada, nem alta perfeição”⁸ e que tudo no Escotismo parece levar para o naturalismo de ROUSSEAU, o puro naturalismo.⁹

Mais categórico é o P. BARBERA, mais minucioso em seu exame, mais nítido em suas conclusões.

O sistema escoteiro, mesmo como era realizado na Inglaterra, exigia várias ressalvas. Seus princípios fundamentais — a educação física e o sentimento da honra — falhos e defeituosos. BADEN-POWELL era certamente bom soldado, mas não igualmente bom filósofo e bom teólogo. E para abraçar o sistema escoteiro seria necessário “abandonar nosso sistema sobrenatural”, para aceitar um sistema de cunho naturalístico e espúrio.

“Decididamente, pois, nós não podemos e não devemos aceitar nenhuma lei educativa dos “escoteiros”. Podemos somente aceitar e aproveitar o que há de bom, na instrução técnica e nas exercitações, dirigidas a desenvolver o chamado “espírito de iniciativa”, isto é, a prontidão e alacridade na ação prática e em vencer as dificuldades”.¹⁰

⁵ *La Civ. Catt.*, 1913, v. 3, págs. 562-578.

⁶ *La Civ. Catt.*, 1915, v. 2, págs. 269-284.

⁷ *La Civ. Catt.*, 1923, v. 3, p. 66.

⁸ *La Civ. Catt.*, 1913, v. 3, p. 566.

⁹ *La Civ. Catt.*, ib., p. 569.

¹⁰ *La Civ. Catt.*, 1915, v. 2, p. 278. Quantos católicos ainda hoje, depois de tantos documentos pontifícios corrigindo este juízo, se expres-

Acresce que nos países neolatinos o escotismo servia de instrumento não apenas "para o naturalismo pagão, mas ainda e mórmente para o laicismo irreligioso": daí a necessidade de se tomar uma atitude decididamente hostil.¹¹

Tal em resumo o pensamento dessa conceituada revista.

Mas a mocidade se sentia atraída em massa para o grandioso movimento, que se espalhava por todo o mundo como uma fôrça irresistível. Era, pois, necessário que os católicos interviessem, para que não deixassem arrebatara tóda a mocidade pela irreligiosidade e pela massonaria.

É nesse momento que entra em cena a figura proeminente do Conde MÁRIO GABRIELLI DI CARPEGNA. Era convicção de todos que sòmente êle poderia encontrar uma solução que, satisfazendo a sêde de escotismo que a mocidade sentia, salvasse as almas juvenis do anticristianismo e da irreligião. Era com efeito extraordinário o prestígio de que êle gozava, como alto dignitário da Côrte Pontifícia e como presidente da F.A.S.C.I. (Federazione Associazioni Sportive Cattoliche Italiane) e Presidente de Honra da União Internacional das Obras Católicas de educação física com séde em Paris.

CARPEGNA examinou o problema em lúcidos artigos, publicados na revista "Stadium", órgão da F.A.S.C.I.; mostrou "como a instituição dos Jovens Escoteiros fôra, em sua origem, absolutamente religiosa e empenhasse os meninos a cumprirem seus deveres para com Deus e a Pátria, a iniciarem as ações do dia com uma invocação à Divindade e como os Chefes devessem exigir de todos os meninos a êles subordinados o cumprimento de suas práticas religiosas, conforme as várias confissões. Na Itália, pelo contrário, com um sistema inteiramente oposto, tinha-se começado com eliminar o nome de Deus e os deveres para com Deus no "juramento", tinha sido tirado de tóda a orientação educacional escoteira qualquer vestígio de religião

sam com tais tórmos, mesmo relativamente ao Escotismo Católico! Consta-nos que ainda recentemente se imprimiu em Roma um opúsculo condenando o Escotismo como vem sendo praticado pela ASCI. Interveio *L'Osservatore Romano* estranhando que se condenasse uma obra tantas vózes aprovada pela Santa Sé; a Editôra, que fôra enganada em sua boa fé, queimou todos os exemplares do opúsculo.

¹¹ *La Civ. Catt.*, ib. Digamos logo que esta atitude irreligiosa, tomada naqueles anos pelo escotismo nos países latinos, é um fato e foi em parte devido à mesma ausência dos católicos.

e, do rol de autoridades locais que deveriam favorecer as tropas escoteiras, tinha sido excluído todo elemento religioso".¹²

Estabelecidos êstes princípios, o Conde de CARPEGNA procurou entrar em entendimentos com o "Corpo Nazionale Giovani Esploratori Italiani", fundado sob o patrocínio do Governo. E na verdade não lhe foi difícil entender-se com o seu presidente, o Almirante Conde GIOVANNI BETTÒLO, homem reto e honesto. Assim, no dia 25 de abril de 1915 a revista "Stadium" publicava os pontos concordados e que davam aos católicos a possibilidade de fundarem tropas, onde as exigências religiosas fôsem respeitadas.

Mas quando, pouco depois, a primeira tropa católica de Roma, da igreja de "S. Gioacchino ai Prati", levou seus escoteiros, de uniforme, à Missa paroquial, os elementos anticlericais, dominantes no "Corpo Nazionale GEI", desencadearam uma violenta campanha, acabando por desaprovar a ação de seu próprio presidente, o Almirante BETTÒLO, e anulando os acordos.¹³

Estava, pois, tudo destruído, e ficava provado que era impossível incluir tropas católicas na organização existente.

*

* *

O Conde de CARPEGNA deve ter tido um momento de desânimo. Aliás naquele tempo nem êle acreditava ainda no Escotismo. Tratava-se apenas de evitar um mal maior, ou, como dizia o P. BARBERA, "impedir o maior número possível de danos e perigos". E depois, êste novo movimento, que poderia acrescentar de bom a tantas e tão boas obras já existentes?

Mas a mocidade católica não pensava assim e continuava a exigir do velho Chefe uma solução escoteira e cristã. CARPEGNA hesitava, achava inútil tentar. E foi só pela insistência de grandes personalidades católicas, como o Comendador PAULO PERICOLI, Presidente da Ação Católica Italiana e o deputado EGILBERTO MÁRTIRE, que afinal se decidiu.

¹² *L'Osservatore Romano*, 24, VIII, 1956, p. 3.

¹³ *L'Esploratore ASCI*, n. cit. Dêsse longo e pormenorizado artigo, escrito pelo Prof. MARIO MAZZA, bem como de seu depoimento oral, tiramos grande parte da história daqueles anos.

Uma vez, porém, tomada a decisão, desempenhou-se do encargo como êle costumava: com a maior perfeição.

E, apesar dos seus 60 anos, foi à Inglaterra. Queria estudar lá o Escotismo, desejava conhecer pessoalmente e discutir com o seu Fundador.

Na Inglaterra conversou longamente com BADEN-POWELL, que desde logo dedicou ao gentil-homem romano viva simpatia e profunda estima, alimentadas depois com freqüente correspondência epistolar. Eram, aliás, caracteres muito semelhantes: ao lado de uma nobre austeridade, havia em ambos um espírito largo e compreensivo, esportivo e juvenil. Se CARPEGNA não contava no seu ativo as campanhas coloniais do defensor de Mafeking, era, por herança milenar de sua família e por suas atividades e modo de viver, o protótipo daqueles cavaleiros de antanho, que BADEN-POWELL apresentava como modelos de seus escoteiros.

Nenhuma dificuldade, pois, encontrou o alto dignitário da Côrte Pontifícia em compreender o general inglês e sua obra genial. Penetrou-lhe a genuína beleza e entusiasmou-se.

E voltou a Roma com um plano inédito e que podemos chamar de genial: unir, em síntese harmoniosa, o mais autêntico escotismo de BADEN-POWELL, com a mais perfeita ascética cristã. Não era questão, pois, de aceitar um mal irremediável, reduzindo o mais possível danos e perigos, não se tratava apenas de qualquer solução de compromisso, tratava-se de usar um genial instrumento educativo para a formação completa da juventude na senda dos mais altos ideais da Igreja Católica.

A tarefa era árdua, dadas as circunstâncias hostis naqueles tempos de irreligiosidade e só CARPEGNA pôde realizá-la com o imenso prestígio de que gozava. Teve, contudo, de vencer não poucas nem pequenas dificuldades, para desfazer prevenções e mal-entendidos.

Como primeiro resultado, a 28 de janeiro de 1916, por resolução comum da Presidência da Sociedade da Juventude Italiana, que então englobava tôda a Ação Católica, e do Conselho Diretor da Federação das Associações Esportivas Católicas Italianas, nascia a A.S.C.I., Associação Escoteira Católica Italiana, dirigida por um Conselho Central, em cuja chefia estava o Conde MÁRIO GABRIELLI DI CARPEGNA, com o cargo de Comissário Central. Logo a 1.º de fevereiro o Conselho reali-

zava sua primeira reunião, oficializando as pouquíssimas tropas católicas já existentes, quase tôdas em Gênova.

Mas o velho Conde foi incansável e já no ano seguinte, a 22 de abril, a Cidade Eterna contemplava admirada os primeiros 200 escoteiros católicos romanos a desfilar em garbosos pelas ruas e, uniformizados e hasteando suas flâmulas, penetrarem na vetusta Basílica de S. Jorge do Velabro, para homenagearem o celestial Patrono.

E, comemorando em *La Civiltà Cattolica* êsse “belíssimo espetáculo”, o P. BARBERA se referia com bem outros têrmos ao Movimento escoteiro, pondo em evidência a “genuinidade e solidez de princípios católicos” das primeiras publicações da ASCI.¹⁴ A ação persuasiva do Conde de CARPEGNA começava a produzir seus frutos.

Em breve a mesma Santa Sé começou a pronunciar-se, iniciando uma longa série de documentos relativos ao Escotismo.¹⁵

O Santo Padre BENTO XV estimava grandemente o velho Conde, a quem nomeara Comandante da Guarda Palatina, e não tardou em convencer-se da bondade do sistema por êle iniciado. E a 15 de junho de 1916, a instâncias dêle, nomeava como Seu alto representante na direção da ASCI, o P. GIUSEPPE GIANFRANCESCHI, S.J., desejando assegurar “à Associação um desenvolvimento amplo e vigoroso fundado na base dos indefectíveis princípios católicos, e tendente, com aberta sinceridade, ao nobre escopo da sã formação das consciências e à completa educação da juventude”.¹⁶ Nestas palavras estava em parte sintetizado o pensamento de CARPEGNA. O Escotismo, longe de ser naturalismo pagão, ou, na melhor das hipóteses, mera educação física e desenvolvimento do espírito de iniciativa, é uma instituição que tem por fim a “sã formação das consciências e a educação completa da juventude”; a esta instituição Sua Santidade, fazendo próprios os desejos de seu dileto filho, deseja um “desenvolvimento amplo e vigoroso”, baseado sempre nos “indefectíveis princípios cristãos”.

¹⁴ *La Civ. Catt.*, 1917, v. 2, págs. 509-514.

¹⁵ A coleção dêsses documentos até o ano santo de 1950, reunida por iniciativa da ASCI, foi ultimamente publicada em português pela Editôra Vozes, de Petrópolis, na série de *Documentos Pontifícios*, sob o n.º 108.

¹⁶ *Doc. Pont.*, n.º 108, págs. 3-4.

As graves preocupações da primeira Guerra Mundial e a morte que cedo o arrebatou, impediram ao grande Pontífice de dar outros testemunhos oficiais de sua alta aprovação, embora os desse numerosos, em particular, especialmente em suas audiências ao Conde de CARPEGNA.

Ainda mais entusiasta foi a aprovação dada por Pio XI e mais numerosas e solenes as ocasiões em que a manifestou.

Entre os primeiros atos de seu Pontificado encontramos a aprovação dada à Federação Nacional dos Escoteiros de França, que fielmente seguiu o caminho traçado por CARPEGNA. A carta, redigida como a anterior pelo Cardeal Secretário de Estado, especifica ulteriormente o fim altíssimo do Escotismo Católico: "Ajudar as almas a tornar-se, sob o influxo da graça divina, almas compenetradas dos ensinamentos da fé e da doutrina católica, almas fiéis à prática constante de uma vida religiosa exemplar, almas filialmente submissas à direção dos seus pastores e do Sumo Pontífice, e ao mesmo tempo almas corajosas, generosas e cavalheirescas, êste é o fim da Associação Escoteira." ¹⁷

A 22 de abril dêsse primeiro ano do Pontificado de Pio XI, o Conde MÁRIO DE CARPEGNA, vestindo não o brilhante uniforme de alto oficial da Guarda Nobre, mas os singelos trajes escoteiros, apresentava nos jardins do Vaticano ao novo Papa as densas fileiras dos Escoteiros Católicos de Roma. E o Papa, respondendo às palavras de CARPEGNA, declarava saber muito bem quanto "os Escoteiros têm feito no interêsse da vida cristã, da restauração do pensamento e do sentimento cristão em tôdas as manifestações da vida particular e pública." E concluía, confirmando o ideal de mais alta perfeição cristã, que o Conde de CARPEGNA indicara a seus Escoteiros: "o vosso lugar é, pois, o primeiro entre os primeiros, e vós todos deveis estar entre os primeiros: primeiros na profissão da fé cristã, primeiros na santidade, primeiros na dignidade, primeiros na pureza, primeiros em tôdas as manifestações da vida cristã". ¹⁸

Poderíamos percorrer tôda a série dêstes documentos pontifícios, até os mais recentes do reinante Pontífice Pio XII: encontraremos constante o mesmo pensamento. É a aprovação

¹⁷ *Doc. Pont.*, n.º 108, págs. 4-5.

¹⁸ *Doc. Pont.*, n.º 108, págs. 5-6.

que bem podemos chamar de irrestrita à criação do Conde de CARPEGNA e, só condicionalmente e através dêle, à de BADEN-POWELL. É importante notar, por outro lado, que a Santa Sé só aprovou de fato as instituições escoteiras que seguiram os moldes de MÁRIO DI CARPEGNA.

Este tipo, aliás, de Escotismo Católico que podemos chamar de "carpegniano", isto é, que não se contenta de dar apenas uma assistência religiosa aos escoteiros para que cumpram o essencial de suas obrigações religiosas, mas que empenha os seus membros a procurarem a verdadeira perfeição cristã, foi logo seguido, com maior ou menor êxito, por várias nações católicas.

Entre as primeiras podemos contar o Brasil. O P. CÉSAR DE ANGELIS, diretor então da "Estrêla do Mar", mandou vir os regulamentos da ASCI e por meio de artigos da revista marianã, redigidos pelo Dr. JOÃO EVANGELISTA PEIXOTO FORTUNA, procurou difundir aqui o sistema. Em 1917 foi criada a primeira tropa escoteira católica na paróquia de S. João Batista da Lagoa, à qual outras em breve vieram juntar-se, marcando, na palavra do Almirante BENJAMIM SODRÉ, "o verdadeiro surto do Escotismo no Brasil".¹⁹ Várias causas, porém, perturbaram seu ulterior desenvolvimento.

O melhor êxito foi, talvez, realizado na França pela já citada associação dos "Scouts de France", que em breve superou em organização e extensão a própria ASCI. Esta, com efeito, desde cedo se viu obstaculada pelo Fascismo, que conquistou o poder em 1922 e em 1928 acabou por suprimir de todo a gloriosa Federação Escoteira Católica, única que conseguira sobreviver.

A obra de CARPEGNA, porém, tinha uma extraordinária vitalidade: continuou clandestinamente, chegando a manter uma tropa no mesmo Palácio Veneza, famosa séde do "Duce", e ressurgindo vigorosa logo depois da queda da ditadura. Então os velhos escoteiros retomaram suas atividades, transformando-se em chefes e formando logo as novas gerações de dirigentes. E, em poucos anos, a ASCI ressurgida contava 50.000 escoteiros.

¹⁹ VELHO LOBO, *Guia do Escoteiro*, Rio, 1932, p. XII.

Um dos sinais do intenso espírito cristão das tropas escoteiras que seguiram o caminho traçado por CARPEGNA, foi desde o comêço o avultado número de vocações sacerdotais e religiosas de seus escoteiros.

Com o que acabamos de expor não queremos negar a ação que outros tiveram na criação do Escotismo Católico, especialmente fora da Itália. Dizemos porém — e aqui deixamos indicadas as provas — que a CARPEGNA se deve o verdadeiro surto do Escotismo Católico na Itália e no mundo. Antes dêle houvera apenas casos excepcionais, e em que a vida cristã era reduzida ao essencial. Foi êle que idealizou o Escotismo como senda para a perfeição cristã, introduzindo nêle uma intensa vida sobrenatural, e o realizou em grande escala.

Iniciando o movimento em Roma e obtendo para êle a especialíssima e irrestrita aprovação dos Sumos Pontífices, deu-lhe uma vitalidade que atravessou as fronteiras e os mares, e que sobreviveu ao naufrágio totalitário, crescendo ainda hoje exuberante.

A êle, pois, compete com justiça o título de Fundador do Escotismo Católico.

*

* *

O êxito realmente extraordinário conseguido por MÁRIO GABRIELLI DI CARPEGNA foi devido aos dotes invulgares que possuía e que o tornavam personalidade de extraordinária proeminência.

E antes de tudo é preciso lembrar a milenar nobreza de sua família, uma das mais famosas da Itália, e que lhe dava incontestável realce.

Com efeito a família CARPEGNA, cujas origens remontam à alta Idade Média, se apresenta já em meados do século X com notável poder e numerosas terras nas regiões de Montefeltro e Romagna. A estas vieram acrescentar-se as terras e os castelos cedidos pelo Imperador OTÃO I à soberania do Conde ULDARICO DE CARPEGNA em paga da ajuda que lhe dera êste nas guerras contra o rei BERENGÁRIO II.²⁰

²⁰ Vários historiadores estudaram as origens e a história da família CARPEGNA. Resume-os todos, em elegante síntese a Condessa LAURA DI CARPEGNA, sobrinha do grande Chefe Escoteiro. LAURA DI CARPEGNA,

DANTE, na *Divina Comédia*, imortalizou alguns dos membros desta família. No Canto XIV do Purgatório louva como protótipo de antigo cavaleiro a GUIDO DI CARPIGNA ou CARPEGNA: os comentadores antigos lembram especialmente sua extraordinária generosidade.

Ramo da mesma família de CARPEGNA é a dos Condes de MONTEFELTRO, posteriormente Duques de URBINO, que tanta influência tiveram no Renascimento do século XV e começo do século XVI, quando se extinguíram.

DANTE fala longamente no canto XXVII do Inferno do Conde GUIDO DE MOLTEFELTRO, a quem o célebre cronista VILLANI chama "il più sagace e più sottile uomo che a quei tempi fosse in Italia."

Com maior simpatia e admiração se refere o poeta florentino ao filho de GUIDO, BUONCONTE DI MOLTEFELTRO, chefe dos Gibelinos em Campaldino, onde também DANTE combateu nas fileiras dos Guelfos. O canto V do Purgatório, em que BUONCONTE descreve sua trágica morte, é dos mais belos e humanos do genial poema.

No decorrer dos séculos a grande família se dividiu em vários ramos, repartindo as possessões. A que conservou o nome e o domínio da terra de CARPEGNA extinguiu-se, na linha masculina, em fins do século XVIII, quando o última CARPEGNA, a condessa LAURA, casou com o marquês MÁRIO GABRIELLI, de Roma: seus descendentes, herdando as terras dos CARPEGNA, passaram a usar o sobrenome de "GABRIELLI DI CARPEGNA".

A sua linha primogênita, recebendo no século passado a herança dos príncipes FALCONIERI, adotou o nome de "GABRIELLI DI CARPEGNA FALCONIERI".

O ramo secundogênito, ao qual pertence o Fundador da ASCI, tem como tronco a MÁRIO, que no começo do século XIX foi capitão do regimento Nápoles da Espanha. Seu filho primogênito, FILIPPO, se estabeleceu na França, onde foi coronel e diretor do Museu de Artilharia de Paris. Casou com a condessa FRANCISCA RODRIGUES DE CARAÇA, que lhe deu três

I Carpegna. Note storiche, Roma 1936. Desejando um exemplar do estudo, já hoje raro, dirigimo-nos à Condessa IDA, irmã da Autora, que gentilmente nos enviou o único exemplar que tinha: comovidos agradecemos tanta delicadeza.

filhos. Dêstes, o primeiro, também FILIPPO, casou com Dona ISABEL PEREIRA SANTIAGO. Teve quatro filhos: GIUSEPPE, GUSTAVO, GIULIO e MARIO, o nosso biografado. Foi coronel do Estado Maior Pontifício e como tal firmou em 1870 a rendição de Roma. Nascido em Segóvia em 1813, faleceu em Roma aos 7 de fevereiro de 1890.²¹

Dessa família, que por um milênio foi soberana nas terras de CARPEGNA e MOLTEFELTRO, herdou o Conde MÁRIO DE CARPEGNA a puríssima nobreza de seu caráter adamantino.

*

* *

Nasceu em Roma, como acima dissemos, a 19 de agosto de 1856: sua família morava então na tradicional "via dell'Orso". No seio de sua cristianíssima família aprendeu a dar os primeiros passos de sua vida exemplar.

Em 1866 os pais, desejosos de dar-lhe uma melhor formação religiosa, moral e intelectual, entregaram-no aos Padres Jesuitas no "Nobile Collegio di Mondragone", fundado no ano anterior na principesca quinta da família BORGHESE, nas cercanias de Frascati, para a mais alta nobreza romana. Já a 19 de maio de 1867 recebia a fita azul de Congregado Mariano.

Fruto dêsses anos de estudo, bem como de seus dotes naturais, é o seu estilo simples e elegante, com que escreveu depois graciosos contos, publicados em revistas e que revelam as qualidades de "literato de gosto fino e aristocrático".²² A Dante dedicou, durante toda a sua vida, um diligente e amoroso estudo.

Do colégio de MONDRAGONE, terminados os cursos clássicos, passou à Universidade de Roma, onde se formou em direito.

Ingressou então no Círculo de Estudos Sociais, no qual o Príncipe PAULO BORGHESE, que desde 1871 propugnara a participação dos Católicos na administração municipal de Roma, reunia os que desejavam militar nas atividades públicas e po-

²¹ LAURA DI CARPEGNA, o. c., p. 24.

²² *Il Mondragone*, Nov.-Dez., 1924, p. 11.

líticas segundo os ditames da fé cristã e as diretrizes da Santa Sé.²³

Constituiu-se então com êste escol a "União Romana": obsequente às determinações pontifícias que vedavam aos católicos italianos a participação nas eleições políticas, aconselhando ao mesmo tempo a participação às eleições municipais, propunha-se arregimentar todos os católicos da Cidade Eterna para defenderem os interesses da fé na administração pública. O êxito de suas campanhas foi sempre brilhante, tomando parte ativa na vida municipal de Roma, até 1919, quando cedeu o lugar ao Partido Popular, fundado por DON STURZO.

O Conde de CARPEGNA, um dos mais jovens candidatos, foi logo eleito Vereador da Câmara Municipal de Roma e reeleito por bem cinco vezes. Foi também por duas vezes Assessor suplente do Prefeito de Roma e duas vezes Assessor efetivo, durante a administração dos Príncipes CAETANI e RÚSPOLI.

Nos longos anos, em que tomou assento no Capitólio, foi sempre muito estimado por seu conselho sábio e esclarecido, ficando proverbial sua nobre rigidez de princípios, altamente estimada por seus colegas, mesmo de tendências diferentes.²⁴

Após a Grande Guerra deixou a vida política para se dedicar completamente ao serviço da Santa Sé e à Ação Católica. Se porém não militou no Partido Popular, pode com justiça ser considerado um dos precursores e primeiros representantes daquela Democracia Cristã, que incluiu nos anos anteriores à primeira Guerra Mundial muitos membros da velha aristocracia romana, fiel às diretrizes da Sé Apostólica.

Seguindo a tradição de sua família, e o exemplo de seu pai e de seus irmãos mais velhos, entrou muito moço a servir nos Corpos Armados Pontifícios. A nobreza multissecular de seu sangue, além dos relevantes dotes morais e físicos, predestinavam-no naturalmente para a Guarda Nobre, que constitui a Guarda do Corpo de Sua Santidade, encarregada portanto da imediata custódia da Sagrada Pessoa do Vigário de Cristo. Além dos turnos semanais ordinários e do serviço de honra em tôdas as solenidades, o Conde MÁRIO DE CARPEGNA

²³ *Il Mondragone*, n.c., p. 10.

²⁴ *L'Osservatore Romano*, 24, ag. 1956, p. 3.

desempenhou então várias missões extraordinárias. Entre estas cumpre citar a Embaixada Especial, enviada em 1896 por Leão XIII à Rússia para assistir à coroação do Czar NICOLAU II; Mons. ANTÔNIO AGLIARDI, então Núncio em Viena e logo depois Cardeal, chefiava a embaixada, da qual fazia parte, como Guarda Nobre, o Conde MÁRIO DE CARPEGNA.²⁵

Percorreu os vários postos do Corpo: superados como Guarda os de Alferes, Tenente e Capitão, e como Cadete o de Tenente-Coronel, encontramos-lo em 1904 como "Esente" honorário, com a graduação de Coronel, e em 1911 como "Esente" efetivo. Em 1904 desempenhara o cargo de Ajudante Major, ao qual compete a direção imediata de todo o Corpo. Retirou-se em 1916 com a graduação de Brigadeiro General.²⁶ A Guarda Nobre Pontifícia o considera ainda hoje como um de seus mais ilustres membros.

Ao retirar-se do serviço ativo de Guarda Nobre, CARPEGNA ainda continuou a militar sob as armas pontifícias. Com efeito BENTO XV, que o estimava muitíssimo, o nomeou Comandante da Guarda Palatina de Honra, com a graduação de Brigadeiro General. Este Corpo, o mais numeroso dos que militam no Vaticano, é recrutado entre a burguezia romana. Além do piquete de guarda que todos os dias presta serviço na antecâmara pontifícia, aperece com a sua banda e os seus batalhões nas grandes solenidades pontifícias. CARPEGNA comandou-o até 1919, deixando em todos grata lembrança por sua dedicação e benemerência.²⁷

*

* *

A 14 de setembro de 1891 o Conde MÁRIO GABRIELLI DI CARPEGNA casara com MARIA MANNA RONCADELLI, condessa do Império Austríaco, nascida em Milão em 1851, e que sobreviveu a seu espôso. O único filhinho que tiveram, faleceu ainda pequenino: mas sua memória povoou o resto dos dias de seus inconsoláveis progenitores. O pai conservou sobre sua mesa o molde de bronze da pequenina mão de seu anjinho; os brin-

²⁵ *La Civiltà Cattolica*, série XVI, v. 6, p. 486.

²⁶ *Gerarchia Cattolica*, 1904-1911; *Annuario Pontificio*, 1912-1924.

²⁷ *La Civiltà Cattolica*, 1919, v. 4, p. 261.

quedos continuaram a ornar a casa como joias preciosas, sobressaindo entre todos, sôbre pequena coluna, o último preferido, um belo veleiro, com suas velas enfunadas, pronto para uma viagem que nunca se realizou.²⁸

Mas CARPEGNA não se esterilizou na sua dôr. Cedo milhares e milhares de jovens vieram desfazer sua solidão e receber a dedicação de seu amor paterno.

Na Ação Católica, em que desde cedo militara, mostrou sempre uma especial predileção pela mocidade: amor, simpatia e compreensão, que foram aumentando à medida que passavam os anos e seus cabelos embranqueciam. "Levado por uma espontânea inclinação à ordem e à precisão da vida militar e pelos hábitos naturais de um físico ágil e robusto", dirigiu sua principal atenção às atividades esportivas, que se vinham criando nos Círculos da Juventude Católica.²⁹

O desenvolvimento que foram tomando essas Associações Esportivas Católicas nos primeiros anos dêste século, e a hostilidade mostrada contra elas pela Federação Ginástica Nacional, levou a direção da Ação Católica a promover uma federação das sociedades já existentes, constituindo a F.A.S.C.I. (Federazione Associazioni Sportive Cattoliche Italiane). Dela foi eleito primeiro presidente a 15 de março de 1917 o conde MÁRIO DI CARPEGNA, que conservou o cargo até 1922, quando o deixou para dedicar-se exclusivamente aos Escoteiros.³⁰

Naqueles difíceis momentos, em que tão violentos eram os ódios dos "anticlericais" por tudo que de qualquer modo ostentasse a aberta profissão de fé católica, foi êle o organizador e o guia seguro da nova Federação e de tôda a atividade esportiva dos católicos. A êle se devem os memoráveis concursos esportivos nacionais em Roma, Biella, Pádua e Milão e o grandioso congresso internacional para as festas centenárias constantinianas, em 1913, quando muitos milhares de esportistas católicos marcharam de bandeiras desfraldadas e encabeçadas pelo glorioso Chefe, pelas ruas da Eterna Cidade, indo por fim prestar sua entusiástica homenagem ao Papa, S. Pio X, que os abençoou comovido.³¹

²⁸ PAULO MARCON, *Mario di Carpegna*, em *L'Oss. Rom.*, 26, ag., 1956.

²⁹ *L'Osservatore Romano*, 24 ag., 1956, *Mario di Carpegna*.

³⁰ *Enciclopedia Cattolica*, Città del Vaticano, vol. V, col. 1112.

³¹ *L'Osservatore Romano*, 24 ag., 1956, art. cit.

A última das celebrações dirigidas por CARPEGNA, e já agora unidamente com a ASCI, foi a de 1921 por ocasião do jubileu de ouro da Juventude Católica Italiana. Memorável foi, então, sobre todas, a manifestação realizada no Estádio Nacional: presidiu-a o velho Conde, trajando seu uniforme de Chefe Escoteiro. Tivemos a dita de presenciar aquele estuante triunfo da mocidade e ainda vivamente lembramos o prestígio imenso de que gozava entre todos o grande Chefe. É por este extraordinário prestígio, que passava as fronteiras da Itália para se estender a outras nações, que foi eleito Presidente de Honra da União Internacional das Obras Católicas com sede em Paris.

A F.A.S.C.I., como tantas outras obras católicas, encontrou a mais decidida hostilidade no Governo Fascista e nos seus asséclas, que mais de uma vez chegaram a agredir os moços e devastar as sedes, sendo por fim obrigada a dissolver-se em 1927.

Mas também ela ressurgiu em 1944, embora, naturalmente, com mais modernas estruturas e mudando o nome no de C.S.I. (Centro Sportivo Italiano). As grandiosas celebrações e a intensa atividade destes últimos anos testemunham quanta vitalidade possuem as obras do nosso Chefe.

Essa intensa atividade entre os jovens tinha admiravelmente preparado o futuro Fundador do Escotismo Católico para a grandiosa obra, à qual a Divina Providência o predeterminava. E várias de suas atividades particulares foram de antemão tipicamente escoteiras. Assim, como BADEN-POWELL subira o Tâmis num pequeno barco, CARPEGNA também ótimo nadador e remador, subira o Tibre — notável e imprevista coincidência.³²

Em setembro de 1892, realizara outra “emprêsa”, tipicamente “rover”, em maiores proporções: partindo de Robecco d'Oglio, desceu com o seu barquinho por êsse rio, depois pelo rio Pó, e por fim pelo mar até chegar a Veneza, com uma viagem de muitos centenares de quilômetros, da qual deixou interessante diário.³³

³² P. MARCON, art. cit.

³³ Publicado na revista “*Strade al Sole*” (Roma, 13 abril 1949) por um seu sobrinho, o conde NOLFO DI CARPEGNA, que nos ofereceu um exemplar.

Quando MÁRIO CARPEGNA empreendeu a árdua tarefa de fundar o Escotismo Católico, estava já no seu sexagésimo ano de idade, mas seu espírito e suas forças conservavam-se perfeitamente juvenis: foi isso que lhe permitiu arcar com o pesado trabalho, que em máxima parte foi realizado pessoalmente por êle.

Começou por traduzir fielmente e editar o livro fundamental do Escotismo, "Scouting for boys" de BADEN-POWELL: quiz conservá-lo tal qual o escrevera o Fundador, sem admitir nenhuma alteração ou acomodação.

Êle mesmo, com seu estilo nítido, singelo e nobre ao mesmo tempo, redigiu as "Diretrizes" ou Regulamento Técnico, e os pequenos manuais de classe: em todos êsses escritos soube interpretar e aplicar admiravelmente ao gênio latino o genuíno pensamento de BADEN-POWELL, ao mesmo tempo que ia realizando sua harmoniosa síntese com um espírito profundamente católico.³⁴

Por oito anos inteiros, até à morte, dedicou todo o seu dia à ASCI, renunciando a outras atividades mais brilhantes; sentia que esta era sua obra-prima, e que Deus a esta o chamava, como coroamento de uma vida tôda empenhada na maior glória divina e no serviço das almas.

Desenhador e artista paciente e tenaz, êle mesmo desenhava os distintivos, os diplomas, as carteiras da associação, as ilustrações da revista "L'Esploratore ASCI". Dessa era êle não apenas o diretor, mas o organizador, o principal redator, escrevendo belíssimos artigos escoteiros, que vão dos pequenos pormenores técnicos às mais profundas considerações sôbre a essência do espírito escoteiro. Era ainda êle que se encarregava de escrever os endereços, que eram então litografados.³⁵

Hoje, ao folhear aquelas páginas já amarelecidas, sente-se reviver o saudoso Chefe, e verifica-se quanto é êle ainda vivo nas suas associações e nos seus filhos.

Soube então rodear-se de um escolhido grupo de jovens, a quem foi formando esmeradamente e transmitindo seu admirável espírito escoteiro. Muitos estão ainda vivos e dirigem pelas velhas sendas as novas fileiras. Na sala das reuniões do

³⁴ *L'Osservatore Romano*, 24 ag. 1956, art. cit.

³⁵ *L'Oss. Rom.*, ib.

Comissariado Central, que de Roma, bem perto do Sumo Pontífice, dirige tãda a ASCI, do grande quadro a óleo que o representa com o uniforme escoteiro, o velho Chefe parece continuar a dirigir, como outrora, a vida da sua obra-prima.

Mas CARPEGNA não se contentava de dirigir de longe as tropas espalhadas por tãda a Itália. Ia visitar pessoalmente tropas e chefes, não apenas nas cercanias de Roma, mas nas mais remotas regiões. E aí continuava a ensinar, a transmitir pessoalmente aquêles conhecimentos e aquêlé espírito, que só se podem transfundir por uma tradição viva.

E para conservar sempre vivo e em contínuo progresso o seu escotismo, procurava freqüentes contatos, seja epistolares, seja pessoais, com os Chefes de outras nações, e em modo especial com o Fundador. Em 1920 quiz tomar parte no primeiro "Jamboree" internacional, reunido em Londres. As dificuldades econômicas impediram que a representação da ASCI tivesse mais do que pouquíssimas patrulhas: mas essa pequena tropa, com seus escoteiros sérios, elegantes, disciplinados, soube representar dignamente a Pátria perante os escoteiros das outras nações. CARPEGNA não sòmente obteve o reconhecimento oficial de Londres para a sua associação, como conseguiu fundar, com os Chefes católicos das outras nações, o "Ofício Internacional Escoteira Católico" (O.I.S.C.), aprovado posteriormente por BENTO XV em particular audiência. Também dêsse organismo CARPEGNA foi eleito presidente.³⁶

No ano seguinte, 1921, foi realizado o primeiro Acampamento Nacional. Com efeito, enquanto a Ligúria e o Piemonte tinham já realizado seus acampamentos regionais ou interregionais, faltava ainda um campo nacional, que reunisse tãda a ASCI. O acampamento foi realizado em Val Fondillo, no alto vale do Sangro (Abruzzo), numa região cujas vastas e belas matas ainda eram povoadas de ursos e lobos: magnífico ambiente escoteiro. CARPEGNA preparou e dirigiu com esmêro, o acampamento, còncio da importância enorme que ia ter, achando-se aí chefes e escoteiros de tãdas as regiões italianas. O acampamento nacional, que realmente teve um êxito magnífico, serviu admiravelmente para imprimir aos acampamentos da ASCI o seu cunho característico e que põe em evi-

³⁶ *L'Osservatore Romano*, 26 ag. 1956, art. cit.

dência os traços típicos da associação: a par do mais genuíno espírito e perfeita técnica escoteira, o cunho de intensa sobrenaturalidade, não artificialmente imposta, mas que brota espontânea da extraordinária pureza de todo o ambiente, da presença quase sensível de Deus no seio da natureza, do espírito de abnegação, dedicação e sacrifício, que anima toda a vida do campo, vida intensamente sobrenatural alimentada pela Missa e Comunhão quotidianas e pelas fervorosas orações em volta da fogueira, que encerram serenamente o dia, sob o olhar de Deus e da SS. Virgem. Falamos por experiência e bem sabemos quão difícil seja imaginar tudo isto para quem não esteve presente. Mas podemos bem afirmar que se sente sensivelmente quanto Deus abençoa esta obra admirável.

Se CARPEGNA pôde transfundir tanto espírito sobrenatural à sua obra, é porque ele mesmo viveu intensamente sua vida sobrenatural, que sua humildade procurava esconder, mas que ressumbrava de todas as suas atitudes.

“Não sei quantos em Roma, diz PAULO MARCON, terão observado o primeiro Chefe Escoteiro da ASCI na igreja, para a S. Missa. De manhãzinha descia ele à sua igreja, mas não avançava ostensivamente pela nave; como o pobrezinho do Evangelho procurava o ângulo mais deserto e remoto, apanhava uma cadeira e ajoelhava no chão, ficando assim por todo o tempo da Missa. Havia naquela atitude a íntima nobreza de seu coração, e naquele gesto um contínua “confiteor” e ao mesmo tempo uma humilde aceitação; mas para quem conhecia o ardor escondido daquela alma zelantíssima, havia um profundo amor”.³⁷

A esta intensa vida de piedade soube acrescentar as mais belas virtudes cristãs. Todos são concordes em exaltar sua admirável humildade, a encantadora simplicidade de seu trato, que, sem lhe tirar nada de sua nobreza sem jaça, o ambientava perfeitamente no mundo dos adolescentes, que amava com amor todo feito de dedicação e sacrifício. Entre eles especialmente seu belo rosto, naturalmente sério, espelhando a austeridade de sua vida, se iluminava com seu sorriso, ora paternal, ora levemente irônico, mas sempre extremamente bondoso.

³⁷ *L'Oss. Rom.*, ib.

As grandes causas de Deus e das almas dedicou, bem podemos dizer, todos os instantes de sua vida. Homem metódico e tenaz, praticava o uso do tempo com escrupulosa intransigência: só assim se explica a massa enorme de trabalho que conseguiu realizar. "As horas e os dias tinham adquirido para êle um ritmo absoluto, uma harmonia que admiravelmente concordava com a de sua consciência; uma consciência pronta e sonalidade, irradiavam uma particular fascinação, lhe davam gra definitivamente equilibrada e forte".³⁸

Estas virtudes, seus dotes extraordinários, tôda a sua personalidade, irradiavam uma particular fascinação, lhe davam o incontestável prestígio de que êle gozou e que lhe deu a possibilidade de influir tão poderosamente sôbre a juventude e de criar o Escotismo Católico.

*
* *

Assim, quando o Divino Chefe o chamou, bem antes do que parecia prometer sua extraordinária vitalidade, êle estava pronto, conforme o aviso evangélico "estote parati", que adotara como lema da sua ASCI, e do qual, aliás, é perfeita tradução o "be prepared" de BADEN-POWELL.

A 22 de outubro de 1924 uma grave infecção de uricemia o obrigou a deitar-se. Passou os últimos dias no recolhimento e na oração, confortado pela condessa MARIA, sua Espôsa, pelos membros do Comissariado Central da ASCI e em modo especial pelo Assistente Eclesiástico P. Gianfranceschi, que lhe levou a bênção especial do Sumo Pontífice Pio XI.

A 3 de novembro o velho e benemérito Chefe entregava sua bela alma ao Criador.³⁹

³⁸ *L'Osservatore Romano*, 24 ag. 1956, art. cit.

³⁹ *L'Oss. Rom.*, 24 e 26 ag. 1956, arts. cit.



